

«A INVEJA É A HOMENAGEM
QUE A MEDIOCRIDEZ TRIBU-
TA AO MÉRITO».

JUSSIEUX

A VOZ DE LOULÉ

SEMANARIO DE INFORMAÇÃO DO MAIOR E MAIS IMPORTANTE CONCELHO DO ALGARVE

Preço avulso: 7\$50 N.º 860
ANO XXX 10/12/1981
Tiragem média por numero:
2 750 exemplares

Composição e impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
«GRAFICA LOULETANA»
Rua David Teixeira, 67
Telef. 62536 8100 LOULÉ

PORTO
PAGO

29 ANOS AO SERVIÇO DE LOULÉ MAIS UM ANO DE VIDA — NOVO ANO DE ESPERANÇAS

«A força, a determinação, a coragem, que os vinte e nove anos implicam, só quem vive «isto» por dentro, as podem avaliar...»

Palavras do amigo
Dr. ROCHETA CASSIANO

Dezembro fez cair mais uma folha do calendário do tempo que anuncia o masso Aniversário. Os nossos Vinte e Nove ANOS DE VIDA.

É o dobrar e o vencer de mais uma aposta.

É o enfraquecer dos mais fracos e duros.

É o descrédito dos que nos empurram diariamente e em todos os anos para caminhos interditados à nossa vontade e à VERDADE e onde e' os próprios se perdem.

A LIBERDADE!

A liberdade — é uma condição muito discutível e um direito que não se deve renunciar; é a faculdade que têm as pessoas ou as colectividades de proceder ou de dizer ou fazer tudo quanto não se oponha às Leis, nem às boas maneiras; é uma permissão e uma prerrogativa; é uma indeterminação dos factos humanos e a faculdade de escolher o que mais possa agradar; é uma missão ou uma ouzada familiaridade com independência de etiquetas; é a condição de uma pessoa poder dispor de si com independência — é uma regalia, e, ainda, o estatuto ou condição de pessoa que é livre e que não está sujeita a um poder estranho ou a uma autoridade arbitrária, por obrigação, dever e disciplina. As abusos da liberdade, em dado

Nesta hora de aniversário e de FESTA. Nesta hora de PAZ e ALEGRIA, é com sentida emoção, que nos lembramos dos amigos de todas as horas, ao mesmo tempo que a tristeza nos assalta ao trazermos para a nossa imagem a recordação de todos aqueles que ao longo de

muitos anos fizeram e criaram «A VOZ DE LOULÉ», mas a lei de Deus, libertou-os da Vida que é a grandeza de todos os dias.

Nesta hora de aniversário, lembramo-nos dos nossos EMIGRANTES, que desde o primei-

(continua na pág. 6)

Os 29 anos do jornal

Por PEDRO DE FREITAS

Salvá dia 1.º de Dezembro de 1981! Já fazes jornal amigo, 29 anos de vida, cheia de atribuições mas sempre caminhando desfraldando o Estandarte Louletano! Parabéns! A tua luta

grau de intensidade, se considera como. — Vandalismo — Libertinagem ou Depravação. As liberdades podem ser de: consciência, culto, comércio, imprensa, etc..

A liberdade ou a independência (continua na pág. 6)

tem sido frutuosa. Por ti os louletanos têm sido despertados em interesses materiais e espirituais. E que, da discussão frutuosa, a

(continua na pág. 6)

O que pretendem Cunhal e os seus acólitos

com o seu servilismo a Moscovo?!

Por J. SANTOS STOCKLER

Para que aqueles que ainda andam drogados com a ardilidade e as falsas promessas que

os falsários do PCP vêm fazendo ao Povo Português possam ajuizar devida e conscientemente das suas reais intenções, ou, melhor, do que eles pretendem realmente, convém que se interroguem, de imediato e profundamente, sobre as perguntas que abaixo se deixam aos mesmos antipatriotas e restantes «lacaixos» ao serviço de Moscovo, pois que é urgente, agora mais do que nunca, que toda a gente saiba, arranchados ou não na «messe» dos comunistas portugueses, quem são realmente os Judas da política nacional.

1.ª pergunta: — Pretende realmente o PCP oferecer o bem estar futuro dos trabalhadores portugueses, ou simplesmente, através do seu nome e ajuda, instalar em Portugal a mesma ditadura que existe no país dos seus patrões?

2.ª pergunta: — Quanto recebe, mensalmente, este «lacaixmor», ou seja, o senhor Cunhal, da Embaixada Russa em Portugal, em troca dos seus serviços secretos prestados à mesma embajada e à Rússia?

3.ª pergunta: — Quais são os rendimentos reais deste antipatriota no nosso país e suas reais fontes de origem?

4.ª pergunta: — O que ofere-

A ARTE TRADICIONAL DO ALGARVE



Uma
imagem
da nossa
Arte
e dos
nossos
costumes
que é
urgente
preservar

Sob o signo da independência

Escolheu José Maria da Piedade Barros a data do 1.º de Dezembro para a fundação do seu jornal, hasteando com ela a

bandeira da Independência que tem iluminado o seu já longo caminho de Trabalho e de Pro-
(continua na pág. 5)

ALGARVE deserto ou oásis?

(VER PÁGINA 12)

A Casa do Algarve consagrada como instituição de utilidade pública pelo governo da Aliança Democrática

A Casa do Algarve acaba de registar, a letras de ouro, outro marco histórico, na sequência das brilhantes comemorações levadas a cabo por motivo do seu recente cinquentenário.

Trata-se, desta vez, da declaração de utilidade pública, concedida, após longo processo buro-

(continua na pág. 8)

QUARTEIRA:
Do Mercado
à Fonte Santa
Os Dignos e os Indignos

(VER PÁGINA 12)

Também o pelouro do Turismo vai ser reactivado

Muito recentemente, e por troca de pelouros entre 2 vereadores, ficou a vereadora Dr. M. Odete Guerreiro com o pelouro do Turismo da Câmara Municipal de Loulé. Como é de conhecimento geral, estava à frente do dito pelouro o Dr. José Mendes Bota, que, embora com diversos funcionários ao seu serviço exclusivo, nomeadamente uma secretária, e sendo vereador a tempo inteiro na Câmara, e que lhe trás ainda outras vantagens, como por exemplo, o telefone à ordem, nunca pareceu ligar muita importância a este pelouro. Na realidade, desde que este executivo tomou conta dos destinos do conceelho, nada se fez em prol deste sector (não se confunda turismo com festas em que o trabalho daquele vereador foi empenhadíssimo) e tanto há a fazer!...

Desde que a Dr. Odete Guerreiro tomou conta do pelouro

já foi aprovado pela Câmara, por sua iniciativa, a adaptação de todo o rez-do-chão do edifício dos Paços do Concelho a actividades culturais com espaços eventualmente vocacionados para o turismo, nomeadamente um auditório mu-
(continua na pág. 7)

BOMBEIROS OS SOLDADOS DA PAZ

Lavraram incêndios nas florestas de PORTUGAL! Há anos consecutivos que tão grande mal campeia! Diziam-se centenas de quilómetros de árvores que para todos deviam ser um BEM sagrado pelo muito que se lhes deve ao produzirem o oxigénio tão necessário à vida e ainda (continua na pág. 7)

PRÉDIO DE HABITAÇÃO EM RISCO DE SER DESTRUÍDO EM CONSEQUÊNCIA DE INCÊNDIO NUMA OFICINA DE BATE-CHAPAS E PINTURA

(VER PÁGINA 8)

por ZECA LOURO

Congresso do Algarve em contagem decrescente

O II Congresso Nacional sobre o Algarve terá lugar na Aldeia das Açoteias, de 12 a 14 de Fevereiro próximo.

Especialistas de economia e finanças anunciam já a sua presença, destacando-se dentre eles os nomes de Vitor Constâncio e Cavaco Silva, cujas comunicações incidirão na economia portuguesa e as perspectivas de desenvolvimento do Algarve.

No domínio do turismo, prevê-se que o segretário-geral de um organismo internacional faça uma intervenção sobre a conjuntura internacional e as perspectivas turísticas da região algarvia.

O congresso apresenta um programa interdisciplinar e visa proporcionar aos participantes um conhecimento aprofundado dos problemas locais. Além de conjuntos de temas como cultura, educação, ciência e tecnologia, qualidade de vida, desenvolvimento económico e social, sectores produtivos e infra-estruturas, serão desenvolvidas actividades paralelas relacionadas com o turismo, tais como filatelia, música, cinema e folclore.

O congresso, promovido pelo Racal Clube de Silves, tem o patrocínio da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e da Fundação Gulbenkian, que apoiará a edição de um volume com as teses apresentadas.

Recorde-se que termina no próximo dia 30 o prazo para o envio do título e de um breve resumo das comunicações a apresentar. O texto integral, esse deverá ser entregue até ao fim do ano, no Secretariado do Congresso, no Racal Clube.

CANTINHO DA LEITORA

SAUDADES

*Uma saudade imensa eu estou sentindo
Dos lindíssimos tempos da infância,
Em que brincava alegremente, usufruindo
A beleza angelical da infantil ignorância.*

*Tanta calma e sossego me rodeava,
Tanto carinho, ternura, amor maternal
Enquanto eu placidamente brincava,
Alheada dos bens do mundo e do seu mal.*

*Saudades eu tenho também dos caminhos
Rodeados de verdes prados que percorri
Dos primeiros passos para a escola e carinhos
De todo esse paraíso distante que perdi.*

*Infinita saudade atroz que trespassa
Todo o meu ser num frémido de emoção;
Saudades do tempo que tão veloz esvoaça,
Dele apenas ficando esta saudade e recordação.*

Rosélia Maria Guerreiro Martins

SANTOS & SANTOS, LIMITADA

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

SEGUNDO CARTÓRIO

Notário: Lic. Soledade Maria Pontes da Conceição Inês

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia 22 de Outubro de 1981, a folhas 144, do Livro 69-C de notas para escrituras diversas do Cartório acima referido, os sócios da sociedade em epígrafe, com sede no Poço de Boliiqueime, concelho de Loulé (freguesia de Boliiqueime), dissolveram a dita sociedade, cuja actividade já havia cessado, pelo que não possui presentemente bens de direito de qualquer natureza, nem tem passivo a liquidar.

Vai conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 10 de Novembro de 1981.

O Terceiro Ajudante,
(Assinatura ilegível)

FAÇA PUBLICIDADE
EM "A VOZ DE LOULÉ"

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P



PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉTÉ DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL
VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.^o
100

O Banco Português do Atlântico e a Imprensa Regional (III)

O encontro da Imprensa Regional que o Banco Português do Atlântico teve a feliz iniciativa de promover em Lisboa, a propósito da Filagro-81, teve também o condão de aproximar mais os homens que trabalham e vivem os problemas dum sector da comunicação social ao qual nem sempre se tem sabido reconhecer o mérito dum ação quantas vezes persistente no sentido de contribuir para o progresso do País e do bem estar das populações.

Porém, este encontro na Filagro teve o mérito de proporcionar aos trabalhadores da imprensa regional a oportunidade de ouvirem palavras de esperança e de estímulo que os incita a prosseguirem na sua árdua quão ingrata missão de servir as suas terras e o país real que representam.

Foi, pois, com geral agrado que se escutaram as palavras do Dr. José Alfaia de que já demos um extracto no nosso número de 19 de Novembro.

Pelo elevado interesse do seu conteúdo e mais ampla divulgação de conceitos que merecem a nossa inteira concordância e, porque não dizê-lo, também a nossa gratidão, publicamos a seguir algumas passagens do discurso pronunciado na sessão de abertura pelo representante do Banco Português do Atlântico, Dr. Carlos Soares:

«Terão de ser, necessariamente, também de agradecimento e de profunda satisfação as primeiras palavras que, em nome do Conselho de Gestão do Banco Português do Atlântico, aqui tenho a honra de dirigir a V. Ex.as.

O Banco Português do Atlântico e, por certo, a Associação Industrial Portuguesa sentem-se muito felizes por terem conseguido reunir, aqui, esta centena e meia de autênticos apaixonados dessa actividade ímpar que é a Comunicação Social, 150 homens que são os ouvidos, os olhos e a boca de milhares e milhares de portugueses, muitos deles espalhados pelos quatro cantos do Mundo.

Todos conhecemos o amor que os homens que fazem a Imprensa Regional votam à importante missão que um dia se propuseram, todos admiramos o esforço constante, a canseira que nunca tem fim, a sublime devoção que leva a pôr na rua regularmente — sabe Deus com que sacrifícios — um Jornal Regional. E, por certo, todos invejamos a suprema satisfação sentida por cada um de V. Ex.as, quando o primeiro exemplar de uma nova edição, acabada de sair da máquina, lhe deixa os dedos sujos de tinta!

Não posso, aliás, deixar de confessar que este êxito bem expresso na presença de V. Ex.º foi desde logo esperado quando, no Banco Português do Atlântico, se pensou em levar a cabo este Encontro da Imprensa Regional.

De facto, são velhas, mas sempre renovadas, as relações que esta Instituição de Crédito mantém com todos ou quase todos os Jornais aqui representados. Relações de grande amizade e respeito mútuo, que sempre fizemos questão de manter, não só através dos nossos serviços de Lisboa e Porto, como, também, da centena e meia de estabelecimentos que o BPA tem espalhados pelo País e com os quais muitos de V. Ex.º privam diariamente.

Permitir-me-ei, no entanto, dizer-lhes que uma das grandes preocupações de todos nós — dos que organizámos este Encontro, de V. Ex.º, afinal de todo o País — é a necessidade premente que se nos apresenta de fazer progredir a agricultura portuguesa.

Há inúmeras dificuldades que é preciso superar, há uma urgência imperiosa de modernizar, há, também, um papel cada vez mais importante a desempenhar pela Imprensa Regional: o de informar, esclarecer, formar os homens que de sol a sol trabalham a terra portuguesa.

Por tudo isso — e para além, naturalmente, da actividade que os nossos balcões espalhados pelo País desde sempre desenvolveram para apoio do sector agrícola —, o Banco Português do Atlântico vem olhando com um interesse e um carinho muito especiais todas as manifestações que visam contribuir para uma valorização da agricultura nacional.

Considerando que 12 000 técnicos de agricultura a trabalham (?) em Lisboa são demasiado para uma cidade onde há tão poucas hortas e tão escassos pomares, vários oradores deste Encontro censuraram duramente o Governo por continuar mantendo uma máquina burocrática tão pesada e cujos resultados positivos não se descontinham na província, onde os engenheiros agrónomos fazem muito mais falta, principalmente se forem capazes de enterrar as botas na lama para contactar com os agricultores e ensinar-lhe algo daquilo que aprenderam em teoria e nunca se preocuparam em praticar, por preferirem ficar sentados numa secretaria dum cômmodo gabinete com ar condicionado e café quente às 5 horas...

A classe dirigente foi ainda acusada (com excessiva aspereza e de forma muito pouco digna, especialmente na pessoa de um membro do Governo que acabava de usar da palavra) de não ter capacidade para matematizar a importância da agricultura na nossa economia e nem sequer de definir um modelo agrícola.

E entristece-nos imenso pensar que algo de verdade nas palavras proferidas quando repartimos no muito que está por fazer para um melhor aproveitamento das potencialidades do Algarve em matéria de agricultura, permitindo-se assim um contínuo agravamento de situações cada ano mais degradantes.

Estamos pensando no problema das pequenas barragens que já deveriam ter sido feitas naquelas ribeiras para retenção das águas das chuvas, com todas as vantagens daí advindas, mesmo sem o desastre a que estamos assistindo, parece que impávidos e serenos, como se tudo fossem rosas e, alegremente, pudéssemos «olhar para os ríos dos nossos verdejantes campos». Infelizmente não é assim. E basta pensar para o nosso Vascão, que poderia (e deveria ter, se os homens quisessem) água durante todo o ano para fomentar a agricultura nessa cada vez mais desolada serra do Algarve e que este ano está praticamente seco porque até hoje nada se fez pelo seu aproveitamento. E a barragem de Silves que já se cou, pondo em risco quase toda a próspera agricultura daquela região, sem que tivessem sido tomadas medidas para a encher com água da barragem de Santa Clara, cujo aproveitamento tem sido praticamente nulo.

Assim, em consequência de uma política agrícola que muito dificilmente se entende, já não produzimos arroz este ano (ninguém que entenda de agricultura poderá dizer que é culpa da seca) e o que comemos é totalmente importado dos Estados Unidos (e do melhor que há no mercado). Isto apesar de já termos sido exportadores de arroz para a Tailândia...

Já importamos 20 milhões de contos em milho. Feijão, grão e trigo quase se não produz e

os nossos governantes, de vez em quando, vêm à televisão dizer que isto está mal, que está cada vez pior; que importamos cada vez mais produtos alimentares; que metade daquilo que comemos é produzido no estrangeiro, etc., etc.. E entretanto as pessoas perguntam: que tem feito ou está fazendo o Governo em medidas positivas, urgentes, necessárias e práticas para remediar a grave situação?

Parece-nos que os portugueses prefeririam saber o que é que se está fazendo em prol da agricultura em vez de apenas lhe dizerem que «isto está mal».

E, face às ásperas críticas de que são alvo contínuo, o Governo, o Ministro e Direcções Regionais de Agricultura deviam dizer-nos o que é que têm feito pela agricultura, por onde andam e o que fazem os nossos engenheiros agrónomos. Que têm dado à agricultura e que medidas práticas já foram ou vão ser tomadas para se acabar de vez com tantas lamúrias e sermos mais realistas.

E se já se tivesse feito algo de positivo, não haveria razões para um nosso colega de Trás-os-Montes usar da palavra neste encontro em Lisboa para dizer o seguinte:

«O país real, o país que nós aqui representamos não está traumatizado.

Ainda há aí reservas morais e mentais e força patriótica capazes de obrigar ao encontro de um designio nacional.

O que o país real sente é raiva. Raiva pelo parasitismo e gangrena da classe política alfacinha que, metida naquela ilhotilha conspacia e potuída pela cintura industrial, onde o golpismo pessoal ou de clã, a piquenez e baixeza da vida que aí se vive, não deixam separar o trigo do joio e combater a mediocridade e incompetência».

Estas e outras críticas incisivas dirigidas ao Governo revelaram um certo desapontamento quanto à eficácia dos poderes centrais para a solução de tantos e graves problemas que afectam a nossa agricultura, entre os quais destacamos o contrabando de gado tuberculoso através da fronteira do Minho e Trás-os-Montes (a que o Governo ainda não pôs cobro); o clima de corrupção que se vive em muitos sectores da vida da Nação; a catastrófica situação da nossa agricultura, cujo agravio e estagnação é patente à vista de todos, afirmando-se que «só não temos uma visão mais pessimista da situação porque sabemos que o agricultor português é capaz de ultrapassar as más horas com trabalho redobrado e ainda mais intenso».

(continua)

TERRENO

TERRENO com moradia em construção no sítio do Areeiro — Loulé.

Tratar com Bartolomeu Seçionaram, mal, evidentemente, as bibliotecas Municipais e da Guibenckian.

Estas 2 bibliotecas irão também ter os seus espaços, convenientemente dimensionados, no mesmo rez-de-chão do edifício da Câmara, que albergará ainda a Casa Museu Pedro de Freitas.

Se a tudo isto somarmos as «démarches» que pela vereadora da Cultura e Turismo continuam a ser feitas, persistentemente embora sem esforço, para que o Castelo de Loulé possa vir a ser oferecido à população transformado em Museu e para que seja criada a Casa da

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

J. CAMPINENSE ELIMINA EQUIPA DA 2.ª DIVISÃO

Na sua deslocação à cidade da Guarda o Juventude S. Campinense arrancou uma das suas melhores exibições desta época. Ao bater o seu adversário, no terreno do mesmo, por 3 bolas a uma o Clube de Loulé passou à eliminatória seguinte, a terceira, desta Taça de Portugal.

A eliminação de uma equipa da 2.ª Divisão pelo Campinense é o corolário da aplicação dos rapazes numa preparação exigente e num trabalho honesto.

Desta forma o Clube de Loulé tem vindo a melhorar os seus resultados de jogo para jogo, confirmado aquilo que, nesta coluna desportiva, foi dito. Esta equipa promete boas exibições e bons espectáculos de futebol. A sua defesa é uma das 5 melhores batidas em toda a 3.ª Divisão (96 equipas) e a sua avançada também uma das mais concretizadoras. Os louletanos estão de parabéns e fazemos votos para que a equipa continue a obter bons resultados.

A história do jogo baseia-se essencialmente na boa exibição de todos os seus atletas. Surpreendendo a Desportiva da Guarda que não pensou haver

por parte do Campinense uma tão grande resistência e um potencial de futebol bastante evoluído, a equipa de Loulé entrou a jogar tão bem que já no primeiro quarto de hora de jogo ganhava por dois golos.

A equipa alinhou com Aleluia, Baleia, Sequeira, Chico Zé e Peña Vasques, Filinto, Tó Zé e Augusto; Rogério, Amado e Orlando. No banco dos suplentes ficaram Manuel João, João Eduardo, Henrique, Romeu e Lampreia.

Para a eliminatória seguinte coube à equipa de Loulé novamente uma outra equipa da 2.ª Divisão, o Sacavenense. O jogo realizar-se-á no próximo dia 20 de Dezembro.

Desta página desportiva endereçamos as maiores felicidades aos rapazes do Juventude Campinense.

Pior sorte teve a outra equipa de Loulé, que na sua deslocação a Lagos perdeu por 3 bolas a 0. O Louletano viu-se assim arredado da grande competição nacional que é a Taça de Portugal.

25.11.81.

ZECA LOURO

Sob o Signo da Independência

(continuação da pág. 1)

Estas e outras críticas incisivas dirigidas ao Governo revelaram um certo desapontamento quanto à eficácia dos poderes centrais para a solução de tantos e graves problemas que afectam a nossa agricultura, entre os quais destacamos o contrabando de gado tuberculoso através da fronteira do Minho e Trás-os-Montes (a que o Governo ainda não pôs cobro); o clima de corrupção que se vive em muitos sectores da vida da Nação; a catastrófica situação da nossa agricultura, cujo agravio e estagnação é patente à vista de todos, afirmando-se que «só não temos uma visão mais pessimista da situação porque sabemos que o agricultor português é capaz de ultrapassar as más horas com trabalho redobrado e ainda mais intenso».

Ao escolher a data do 1.º de Dezembro — que permite a Portugal ser hoje uma das mais antigas nações da Europa e permitiu até há poucos anos ser uma das nações pluricontinentais que espalhou por toda a parte a língua-pátria (esta indestrutível) — para data da fundação de «A Voz de Loulé», escolheu Piedade Barros o rumo certo na hora difícil, na verdade, não era fácil ser-se independente em pleno regime de censura prévia, que exercia a mais rigorosa vigilância não só em tudo quanto se escrevia mas também no que se não escrevia.

Após o 25 de Abril data que poderia ter marcado um novo rumo para Portugal entre as nações democráticas e civilizadas do nosso tempo, libertando o país da opressão e da miséria (sómos o mais pobre país da Europa, com um rendimento de 20% em relação ao nível de vida dos espanhóis nossos vizinhos, que emergiram de uma guerra civil sem deixar rasto dos horrores sofridos ao longo de quatro anos de carnificinas e destruições) Piedade Barros não alterou a sua linha de in-

istó acrescentarmos ainda to a restante actividade do pelou da cultura, sendo certo que a vereadora trabalha a tempo integral noutro lado que não na Câmara e que na Autarquia não dispõe de funcionários ao serviço exclusivo, tendo muitas vezes que esperar que o seu expediente obtenha o 1.º lugar n'icha geral do serviço da Câmara para ser despachado e assim satisfeita pela continuidade e pela dimensão da obra feita. Oxalá daqui a outros tantos anos (e genica não lhe falta para dobrar a conta agora festejada) possa continuar a olhar para o seu passado com o mesmo orgulho com que hoje certamente o pode fazer.

Continuaremos a dar notícias MARIA ODETE GUERREIRO

das populações. Em todo o mundo o repúdio dos povos pela chamada imprensa «comprometida» ou «dependente» tem causado a ruína de quantos a sustentam. Logo que um jornal é posto ao serviço de determinada organização ou partido as suas tiragens começam a ir em queda livre até à sua total extinção. Muitas vezes, esses órgãos de imprensa apresentam-se como independentes, mas basta ao público cheirar a sua submissão a determinados interesses, para depararem com o seu completo alheamento.

Ao içar a bandeira da independência no dia em que Portugal a consagra como sua principal razão de ser, Piedade de Barros escolheu — e escolheu bem. Modesto e laborioso, poderia fazer de «A Voz de Loulé» um jornal muito mais importante, muito mais chamativo, muito mais espectacular. Porém, se o fizesse, alteraria as suas próprias normas de comportamento: é na simplicidade e no trabalho, a grande paixão da sua vida fora da família, que «A Voz de Loulé» se realiza como um jornal verdadeiramente popular, um jornal de tudo e de todos, que cobre com tolerância e com liberdade os interesses dos opiniões.

Dentro de «A Voz de Loulé», dentro da sua modéstia, cabem semanalmente tanto os assuntos mais transcendentes como as notícias de menor importância. É desta forma que um jornal cumpre a sua missão de lutar por uma vida sempre melhor, como Piedade de Barros tem lutado, pondo nessa luta o fogo de uma verdadeira paixão.

Hoje, tantos anos volvidos sobre essa data de um arranque feito em condições tão adversas, ele pode olhar para trás e darse por satisfeita pela continuidade e pela dimensão da obra feita. Oxalá daqui a outros tantos anos (e genica não lhe falta para dobrar a conta agora festejada) possa continuar a olhar para o seu passado com o mesmo orgulho com que hoje certamente o pode fazer.

VITORIANO ROSA

29 anos ao serviço de Loulé

(Continuação da pág. 1)

ro dia fizeram de «A Voz de Loulé» a sua própria vez, que longe da Pátria, engrandecem a cada dia a nossa própria continuidade.

Nesta hora de aniversário, corre para nós a recordação das horas difíceis e a alegria dos bons momentos. E o recordar das mesmas que nos redobra a força, o entusiasmo, a coragem e a vontade de continuar.

Sabemos que não estamos «SÓS», nesta hora de aniversário, neste momento de verdade, mas se nos permitem queremos recordar e agradecer o grande carinho e verdadeira PAZ, que LOULÉ nos tem oferecido, pois que nos perdoem os grandes amigos, mas SOMOS «A Voz de Loulé... E DEPOIS DO ALGARVE.

Recordar o que para nós significa a vida de «A Voz de Loulé» é o mesmo que dizer quanto entusiasmo, quanta alegria exuberante nos animou a firme determinação de sermos úteis à nossa terra natal dotando-a com um órgão de informação de que há muito andava carecida.

O falecimento do nosso querido e saudoso amigo Anastácio Dourado privara Loulé do tão conhecido «Louletano» e por isso impunha-se que se retomasse uma tradição de há muito enraizada no espírito dos louletanos: ter o seu próprio órgão de informação.

Assim, quando há 30 anos regressámos à terra natal, após longa temporada de ausência em contacto com problemas da imprensa regional, o nosso primeiro pensamento foi virado para a ideia de conjugar a instalação de uma tipografia (de que Loulé também estava carecida) com o inicio da publicação de um jornal. E podemos dizer que as principais dificuldades foram vencidas com relativa facilidade porque pudemos contar com o inestimável apoio do devotado louletano sempre pronto a colaborar em tudo o que significa progresso para a sua sempre querida terra: Raúl Pinto e também com

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

No dia 7 de JANEIRO PRÓXIMO, pelas 14.30 horas, no Tribunal Judicial da comarca de LOULÉ, na Carta Precatória n.º 60/81 da 3.ª secção, extraída da Execução Sumária vinda do 7.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA, em que é Exequente BOSTIK — COLAS E VEDANTES, LDA, e Executado FRANCISCO JACINTO NEVES OLIVEIRA, residente na Av. José da Costa Mealha, n.º 13-1.º, Dt.º, em LOULÉ, serão postas em praça pela 1.ª vez, para serem arrematadas ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo: Uma mobília de quarto, outra de sala de jantar, e outra de sala, um televisor Oliva, um frigorífico Superser e um fogão a gás marca Portugal.

Loulé, onze de Novembro de 1981.

O Juiz de Direito,
a) Jorge Henrique Soares
Ramos

O Escrivão Adjunto,
a) Aires R. S. Ramos
da Conceição

a preciosa colaboração do nosso saudoso amigo Dr. Jaime Rua, que prontamente aceceu assumir a direcção do jornal que nos propunhamos lançar.

A fulgurante adesão com que a ideia foi recebida por tantos louletanos foi também um forte estímulo que nos deram novo ânimo para materializar uma iniciativa que, em cada dia, se impunha como mais imperiosa necessidade para uma terra cujo progresso era cada dia mais evidente.

Agora, decorridos 29 anos, continuamos a pensar que valeu a pena criar «A Voz de Loulé» e que a sua existência continua a ser muito útil não só aos louletanos aqui residentes e que gostam e precisam saber de acontecimentos ocorridos ou a realizar na sua terra, com também muito em particular aos que, por motivos vários, se ausentaram e para quem a leitura do «seu» jornal desperta uma extraordinária sensação de felicidade. Essa circunstância tem sido para nós um forte estímulo que muito nos tem animado a continuar uma obra que nem sempre terá sido devidamente reconhecida por quantos ignoraram a luta persistente que é preciso travar para conseguir pôr semanalmente na rua um jornal totalmente confeccionado à base dum persistente caroço que não pode pensar em resultados financeiros para prosseguir o seu ingrato trabalho, especialmente numa época em que a política dividiu de tal forma os portugueses que é extremamente difícil ser-se órgão de informação sem que se esteja sujeito às mais duras críticas dos que tenham opiniões diferentes dos que emitem publicamente a sua opinião.

Além de tudo o mais, ninguém poderá negar a indiscutível utilidade de um jornal de uma pequena terra de província: é a vida mundana que se gosta de acompanhar, são os acontecimentos do dia-a-dia que temos necessidade de tomar conhecimento, são as festas, os jogos, os anúncios do compra-se e vende-se, são os anúncios do Tribunal e as Justificações Notariais que a Lei impõe sejam publicados no jornal mais lido na região, etc., etc.

Por tudo isto, nós achamos que valeu a pena trazer «A Voz de Loulé» à luz da publicidade e dar-lhe a continuidade que as nossas escassas disponibilidades de tempo vão permitindo, com a preciosa ajuda de dedicados colaboradores, dos anunciantes

que contribuem para suportar os pesados encargos representados pela manutenção do jornal e o elevado número de assinantes, muitos dos quais muito dedicadamente nos têm acompanhado desde a primeira hora. Muito especialmente para esses vai hoje o nosso mais paternal abraço, enquanto lhes desejamos muitos anos de vida para que possam continuar a ler o nosso jornal.

Neste dia de anos, os nossos agradecimentos são para os nossos colaboradores e também para todos os nossos conterrâneos e amigos, cujas palavras de estímulo têm sido um forte incentivo para não desmorecermos da nossa forte vontade de continuarmos a servir a nossa terra o melhor que podermos.

E hoje, que tanto se fala de independência, sentimo-nos ainda mais satisfeitos por termos tido a feliz ideia de escolher o dia 1.º de Dezembro para iniciarmos a publicação de «A Voz de Loulé».

O MOMENTO NÃO É DE PROMESSAS, mas sim de concretizações, quando se comemora a própria vida de um JORNAL, e nós aqui estamos apostados em continuar a SER A VOZ DE LOULÉ carregadinho de defeitos e virtudes, mas verdadeiramente ao serviço de Loulé e do ALGARVE, ao serviço da verdade e do entendimento.

Queremos continuar firmes no nosso posto e dispostos a manter inalterável a nossa rota, que é a defesa intransigente, da nossa terra, da nossa região e de Portugal.

Bem hajam todos quantos nos têm ajudado a vencer as dificuldades e compartilhado das nossas alegrias.

VENDE-SE

Equipamento de restaurante.

Informa-se nesta redacção ou pelo telefone 32771 — QUARTEIRA.

APARTAMENTOS

VENDEM-SE, na Av. do Liceu, em Faro

Trata Manuel Bota Filipe Viegas - Telef. 94115 — 8100 ALMANSIL.

BETONEIRAS

COM OU SEM GUINCHO — ALUGAM-SE

Tratar com Aníbal Valério Domingos

Telefone 62860 (residência) ou 63022 — LOULÉ

FAÇA
EM "A"

**PROPRIEDADE E CONSTRUÇÕES
SOCIÉDADE DE CONSTRUÇÕES
SOARES DA COSTA, SARL**

VENDAS:
CONTACTE NO LOCAL
OU NA SEDE EM LISBOA
R. Tomás Ribeiro, 16, 4.º
1000 LISBOA — Tel. 56 03 91
Telex 15631 REALTY P

MIRASEI
Loulé

A sua casa olha
amanhã... para c
e habitar hoje m

Os 29 anos do jornal

(Continuação da pág. 1)

Luz que dela nos ilumina acende melhor o brilho do Bem e desarma a obscuridate, a verinice e ódio do Mal. Já é alguma coisa digna de ser registada. Ao progresso da nossa terra o acontecimento impunha-se.

E, as carolas deste setor jornalístico louletano que a essa delicada empresa meteram ombros, nesta hora da efeméride, vão as minhas homenagens de um louletano cheio de fé no porvir da sua santa cruzada.

Não fui eu um colaborador da primeira hora deste jornal — 1 de Dezembro de 1952. A falta de comunicação para exercer essa função, sem procurar razões, foi o motivo. Mas, no seu número 52 de 16 de Janeiro de 1955, até ao presente, eu tenho escrito centenas de artigos que julgo têm sido bem recebidos pelos leitores. Embora não colaborando no número um, toda, tenho-o na minha frente, e, é dele que vou extrair alguns elementos para encher as colunas que pretendo dedicar ao que me foi solicitado.

Formato grande, oito páginas bem elaboradas, quinzenário de informação e propaganda regionalista. Director Jaime Guerreiro Rua, Editor e Proprietário, José Maria da Piedade Barros.

Faz a «Apresentação» o Director Dr. Jaime Rua que, entre a desenvolvida tese, salienta-se: «É confiado hoje, à benevolência do público, «A Voz de Loulé». Será, fundamentalmente um jornal de Loulé para os Louletanos».

«Finalmente» — é do Editor e Proprietário. Dessa também desenvolvida tese, alguns respostos: «... Loulé tem de novo um jornal. É mais uma tentativa no desejo de dotar a nossa terra com um órgão de imprensa que seja o porta-voz das suas necessidades e aspirações».

(Continuação da pág. 1)

cia, é a faculdade mais almejada pelo homem — quando é exactamente o ser ou elemento social que menos a alcança — dado que a sua condição de vida a isso se opõe e o priva; vamos demonstrá-lo:

Liberalismo, liberdade, independência — têm grandes afinidades com a Família, isto é, com a Sociologia. Admitamos um lar com Pai, Mãe e os filhos, vivendo em comum, durante o tempo que estes estejam sob o pátrio poder ou que formem lar à parte; assim, aqui começa então — a perda gradual das liberdades do homem, pois considerando que a Família é a base da Sociedade, devemos amar e respeitar os nossos Pais, porque foram eles que nos trouxeram ao Mundo e são eles os que mais nos poderão ajudar e dar-nos os melhores conselhos.

Por ordem natural da Vida — o homem quando atinge a puberdade e cria o seu lar à parte e toma sobre si a responsabilidade do casamento — continua e cada vez mais, a perder a sua liberdade e independência, já que foi mais um compromisso com um encargo que tomou e, ainda, pela procriação que se verifica — muito maior será a sua preocupação e cuidado — o que equivale a dizer, a redução das suas relativas liberdades, pois o nosso Lar, isto é, a Família, que é o que mais nos prende à Vida, com os seus naturais sentimentos do mais acendrado amor Fraternal — nos incute a alegria e a vontade, para viver e lutar com todas as canseiras ou sacrifícios, por uma causa tão natural, digna e honrosa.

Outrossim, — o homem quando atinge na Vida uma boa instalação, por méritos próprios — em condição nenhuma deve-á aproveitar-se de circunstâncias que lhe sejam favoráveis,

«Loulé e a sua gente na restauração de 1640» — Dr. Alberto Iria; «Saudação» — Dr. Joaquim Magalhães; «Duarte Pacheco» — Raul Pinto; «Ecos do Ameixial» — Augusto Teixeira; «Carta aberta a toda a gente» — Fernando Laginha; «Fernão Mendes Pinto» e a «Peregrinação» — P. M. e. «Folhas de alface» — Origan.

O poder poético de Fernando Laginha brilha com o soneto «Desânimos» e, entre o mais variado noticiário, destaca-se «Obras Municipais», que alerta bastos interessados do Concelho e das freguesias com melhoramentos de muito interesse.

Foi assim, a traços largos descritos, o primeiro número desta «Voz» que durante os vinte e nove anos vividos, tem enfrentado múltiplas coisas bem alteradas. A vida com isenção é difícil. E, quem a tem?... Difícil encontrá-la com manifestações que a todos os credos agradem. Todavia, dentro da sua maneira de ser tem feito o possível para ajudar o nosso Loulé a ter assento no jornalismo português e, especialmente, presença no todo da imprensa regional do Algarve, o que já é de louvar.

Louvando consequentemente os obreiros que têm elevado no conceito geral esta «Voz» bem audível, e a já não é quinzenal, mas sim semanário; ela já tem traços bem visíveis a ombrear com a imprensa progressiva, e, deste modo, ela já representa Loulé com mais calor, com mais interesse, com mais saudade dos louletanos ausentes, que são os que mais sentem a vida e obra desta «Voz» com toda a sua poderosa Ressonância.

— Salvé os vinte e nove anos de vida do nosso jornal! Bem haja...

Barreiro, 24 de Novembro de 1981.

Pedro de Freitas

A LIBERDADE!

para menosprezar os seus semelhantes — e, também em condição nenhuma: «deverá ser demasiado humilde com os soberbos — nem soberbo com os humildes».

VRSA. 23.11.81 — CGP/

**«O Brasil
dá-nos
uma bela imagem
da grandeza
dos portugueses
do século XVI»**

(continuação da pág. 12)

emigrado para o Brasil, a não ser em consequência do 25 de Abril.

Todos quantos saem, ficam com saudades do Brasil. Só que, nem todos os pais de hoje aceltram de boa vontade, a educação, a vivência e as liberdades que os jovens gozam naquele país...

Essa uma das razões por que tanta voltaram.

Após os aplausos de que o orador foi muito justamente alvo, seguiu-se um breve colóquio de perguntas e respostas, terminando assim mais um jantar-convívio entre os Rotários de Loulé, que nessa noite contaram com a agradável presença de um casal sueco e de outro canadiano, igualmente rotários.

Antes do jantar foi distribuído a todos os presentes o primeiro número do Boletim do Rotário Club de Loulé, que dessa forma dá mais uma prova da sua vitalidade e do seu desejo de SERVIR.

BOMBEIROS

Os soldados da paz

(Continuação da pág. 1)

por todo o muito que nos dão em riqueza desde a casca à madeira, além de todos os seus derivados que a indústria transforma em produtos essenciais. Também entre elas o pinheiro que nos dá a resina serve, por suas raízes de fixação às areias moveidas, sobretudo junto às costas, o que representa um serviço importante que presta ao homem.

Com o que apra veita da floresta o pobre aquece a casa e faz a comida com o que cultiva nas leiras próximas, pelo que a árvore lhe é indispensável, para além de receber dela a sombra agradável e acariciadora que nem sempre a pobre casa ou o casebre que habita lhes dá, suavizando-lhe o calor que aponta e um remanso consolador para a vida activa que dispende e lhe achaca os membros, a vontade e o próprio vida. A floresta é assim uma fonte de vida a que se acolhe o viandante e o citadino que procura temperar os pulmões do ar vivido que respira na cidade.

Todos estes bens que nos dão, são impiedosamente perdidos pela sanha feroz do FOGO ateado, na maior parte dos casos, por mãos criminosas e almas vis, ou por outras mãos criminosas também, que impesadamente de si não cuidam e muito menos do mal causado ao semelhante.

PORTUGAL vai ficando assim em cada ano que passa, muito mais pobre, ele que já vem lutando por necessidades ingentes que o atravessam, que o manietam e que o destróiem, mercê de uma incapacidade que desorienta, numa falência, que e lamento, que ecoa confrangedoramente dado aos homens que bem o deviam governar não se entenderem.

E, no meio de tudo, o bombeiro, SOLDADO DA PAZ, como muito bem é designado, está atento e, logo que toca a sirene, o sino da Igreja ou a trombeta do mal, denunciando o fogo, ele já vai sacrificando o bem estar, seu e dos seus, os serviços em que actua e, quantas vezes para além das suas forças, para região que não é a sua, numa abnegação indesmentível nem sempre devida e humanamente compreendida.

É assim o BOMBEIRO, esse soldado da paz sempre pronto a servir num esticismo que é garantia de um dos seus lemas de «VIDA POR VIDA».

Mas, para além dele, em que a vida sofre riscos, há o material de que dispõe, de que cuida carinhosamente e que consegue, quantas vezes, há custa de sacrifícios ingentes e que o fogo destrói, ficando assim a corporação a que pertence muito mais pobre e grandemente defraudada.

Há anos, repetimos, que tal facto se verifica e, lamentavelmente até hoje, não foi dado ao SOLDADO DA PAZ, o auxílio capaz, certo, e eficiente a que tem incontestável direito.

Fala-se muito, até, do BOMBEIRO se lembram, quando os

fogos eclodem! Promete-se algo que virá a ser feito. Há mesmo, por vezes, auxílios concedidos, aqui e ali, que são como que gota de água no oceano imenso! Por intermédio dos seguros pinga também qualquer coisa que amanhã nos virão dizer que é obra imensa, mas que nada repõe no sô e, o BOMBEIRO, continua mais pobre, mais sacrificado, dispondo de pouco mais de si, da sua vontade e da sua dedicação, bem como de todo o seu imenso sacrifício voluntário. Fixe-se BEM, VOLUNTÁRIO!

Ora o que dizemos é muito, sem dúvida de sua parte, mas muito muitíssimo pouco, por parte de a quem deveria caber o dever, o sagrado dever, de olhar por tudo isto não deixando que vergonhosamente tudo continue, ano após ano, numa situação que é crime não menor que o do incendiário.

Por que não criar então mesmo no meio de todo o mal que para aí campeia, do desentendimento que nos aflige, da desorientação que é como que o pão nosso de cada dia, um sistema ESTATAL que procure dar ao BOMBEIRO, todo o auxílio de que é fora de dúvida merecedor, sobretudo o indispensável material de que necessita, preparando-o para MAIS BEM SERVIR, como é seu lema, dedicado e altruisticamente cumprido.

Mas, enquanto assim não se faz, tudo ou quase tudo esquecendo logo que os fogos se apagam de vez, por mais um ano, como vem sucedendo, esquecendo que o BOMBEIRO não é voluntário para acudir ao fogo que dizima a floresta, e que, até, nem foi para isso que tão dedicadamente ele é VOLUNTÁRIO, pois que o incêndio da floresta pertence ao ESTADO criar os necessários meios especiais indispensáveis a evitá-lo, reponha-se no seu lugar o diverso material e os veículos que o fogo destruiu, dado que o Bombeiro e a Corporação que serve, não pode por si fazê-lo, dados os escassos meios de que dispõe, ficando pois mais pobre, menos eficiente e mais necessitado, ele que tudo fez até ao sacrifício, para salvar um bem inestimável como o é a FLORESTA.

Sabemos ser mais uma voz que escorrerá sem que os homens responsáveis a oícam! Mas quando de novo o FOGO irromper todos gritarão pelo BOMBEIRO e que até, quando os pulmões atacados pelo fumo e o perigo o ronda, será o Povo anônimo, esse Povo sempre pronto a servir em tais casos, que ao fim e ao cabo o auxiliará, levando-lhe o LEITE de que necessita e reclama; e depois, tudo continuará nas calmas MAS ATÉ QUANDO?

Aqui fica a pergunta. Natural e, se calhar, terrível pergunta! Tão terrível que, de certeza, não obterá resposta!

M. J. VAZ

Gabinete Jurídico

DIREITO DE TRABALHO
DIREITO COMERCIAL
DIREITO FISCAL

ORGANIZAÇÃO

Telef. 94885

ALMANCIL

MANTA DE RETALHOS!...

por JOSÉ REBELO

Não sabemos se foi por havermos passado um mês numa bela praia de Durban, ou seja a terra a que Vasco da Gama, chamou de Natal, o que é certo é que sempre que ouço falar na África do Sul, sinto fortes recordações dessa nossa estadia, isto no ano de 1944, da graça do Senhor.

É claro que quando passamos por Pretória, já para não citarmos Joanesburgo, sentirmos o viver daqueles povos, onde tudo nos parece grandioso. É claro que vimos também zulos, pedindo esmola, caso que nunca vivemos em Moçambique. Isto serviu para nos demonstrar que ali havia liberdade, até para o negro esmolar.

Hoje, cada vez que ouço atacar a África Austral, só porque ela é imensamente rica em mi-

nerais, muito particularmente, ouro, diamantes, urânio, platina, carvão e outros, não sou capaz de caer meu pensamento, sem me revoltar para todos aqueles que atacam aquele rico país, chamando-lhe racistas e outras coisas más, mas esquecendo os «Muros da Vergonha», passaportes internos e outras «liberdades»!

É claro que se a África do Sul não tivesse riqueza, não esquecendo a agrícola, ninguém lhe atirava pedras, esquecem-se alguns dos que lançam asneiras da boca para fora, que estão ali trabalhando mais de 600 mil irmãos nossos; esquecem-se igualmente que os sul-africanos que ali nasceram, e não só, não têm outra pátria senão a África do Sul e que a maioria nunca dali saiu. Com os nossos Irmãos que fizeram Angola e Moçambique, com tanto suor e lágrimas, passou-se o que alguns seus ir-

mãos (?) quiseram que se passasse...

Dizem também que ali há trabalho forçado e de escravo; e nós, aqueles que se sentem amantes da verdade, e sabem sentir a dor do seu semelhante, diremos: — então sendo aquilo tão mau, como é que o Homem Africano, quer de Angola, Moçambique, Botsuana, Lesoto, Maláui, Zâmbia, etc., etc., para ali vão em busca do seu sustento?... Não esquecer que segundo estatísticas, no ano de 1979, com contratos firmados, ali se encontravam, 326 709 imigrantes negros, dos quais só de Moçambique, eram 61 550.

Não se deseja terminar este «pedaço» da manta, sem recordear aquela ríspido, que nos diz: «mente, mente, que da mentira alguma coisa fica».

O que pretendem Cunhal e os seus acólitos

com o seu servilismo a Moscovo?

(Continuação da pág. 1)

ceu o mesmo ditador-mor à ex-Pide-DGS em troca do seu doutoramento feito em Portugal?

5.ª pergunta: — O que levou o mesmo senhor Cunhal a se apressar a desviar, indevidamente, dos arquivos secretos da mesma ex-Pide, apenas os processos respeitantes aos comunistas maiores deste país? Quais as verdadeiras razões destas fugas de processos especiais?

6.ª pergunta: — De onde vem os dinheiros graciosamente distribuídos pelos vários jornais do País, desde o Algarve até ao Minho, ao serviço da causa comunista?

7.ª pergunta: — E donde vem, também, tanto dinheiro para a Inter Sindical Portuguesa, e ordena tanta luta de rua e paralisações selvagens e políticas por esta comandada? Quem? O PCP? A Embaixada Russa em Portugal? Ou a coisa já vem orquestrada de Moscovo?

8.ª pergunta: — Sendo o senhor Cunhal tão amigo dos trabalhadores portugueses, para que vive principescamente em apartamento secreto e de luxo, em vez de ir dormir cada noite na humilde choupana dos mais modestos trabalhadores e comer com eles, os mais desprotegidos, as suas modestas refeições e prefere as lautas jantadas bem regadas dos vinhos especiais, em reféus só conhecidos dos seus acólitos maiores?

Porquê tanta hipocrisia e ciúme, quer de uns quer de outros?

9.ª e última pergunta por hoje: — Quais foram já os bens de sua raiz que estes falsos portugueses já ofereceram aos trabalhadores da reforma agrária, se tanto falam neles e no seu bem estar futuro? E a quem pensam os mesmos «acaios» deixar os seus bens pessoais e dinheiros, após a sua morte? Aos maiores da reforma agrária? Ou aos chulos do comunismo que por ventura ainda existirem por cá nessa data?

Que todos os Portugueses meditem bem nestas perguntas e, se possível, nos digam algo de positivo sobre as mesmas, são os nossos desejos, pois que não andamos ao serviço de qualquer partido mas sim ao serviço desinteressado quer do Povo honesto de Portugal quer da Nação.

Apenas e unicamente isto nos move, acreditam. E se tiverem prova em contrário, cuspam-nos na cara em plena via pública, mal nos avistem!

Ficam desde já a tal autorizados. De acordo?

E a finalizar, daqui aproveitamos para advertir o Governo para o seguinte: Esquece-se o actual Governo de que o senhor Cunhal está dispensado do visto consular, quer à entrada quer à saída de qualquer fronteira ou aeroporto russo? E não saibam porquê?

Pois meditem bem nisto e assim se evitarão futuras fugas de certos segredos de Estado do nosso País para a Rússia e não só. Entendidos?

Também o pelouro do Turismo

da Câmara Municipal de Loulé

vai ser reactivado

(Continuação da pág. 1) de Turismo, onde até agora funcionaram, mal, evidentemente, as bibliotecas Municipais e da Guibenckian.

Estas 2 bibliotecas irão também ter os seus espaços, convenientemente dimensionados, no mesmo rez-do-chão do edifício da Câmara, que albergará ainda a Casa Museu Pedro de Freitas.

Se a tudo isto somarmos as «démarches» que pela vereadora da Cultura e Turismo continuam a ser feitas, persistentemente embora sem espalhafato, para que o Castelo de Loulé possa vir a ser oferecido à população transformado em Museu e para que seja criada a Casa da

Cultura, se possível ainda durante o ano de 1982, e se a tudo isto acrescentarmos ainda toda a restante actividade do pelouro da cultura, sendo certo que a vereadora trabalha a tempo inteiro noutro lado que não na Câmara e que na Autarquia não dispõe de funcionários ao seu serviço exclusivo, tendo muitas vezes que esperar que o seu expediente obtenha o 1.º lugar na bicha geral do serviço da Câmara para ser despachado e assinado pelo presidente, não podemos deixar de perguntar:

Até quando a coralice de algumas aguentará a má fé de tantos?

Continuaremos a dar notícias. MARIA ODETE GUERREIRO

Propriedade de terreno arenoso, denominada «Arruchela», com aprox. 5 hectares, toda arborizada com pinheiros e sobreiros, podendo servir para horta.

Próxima de Vilamoura, com boa vista para o mar.

Informa Francisco Rodrigues Coelho — Rua da Cabi- ne, 22 — QUARTEIRA.

Outubro, 81.

J. REBELO cap.

VENDE-SE

Propriedade de terreno arenoso, denominada «Arruchela», com aprox. 5 hectares, toda arborizada com pinheiros e sobreiros, podendo servir para horta.

Próxima de Vilamoura, com boa vista para o mar.

Informa Francisco Rodrigues Coelho — Rua da Cabi- ne, 22 — QUARTEIRA.

PRÉDIO DE HABITAÇÃO EM RISCO DE SER DESTRUÍDO EM CONSEQUÉNCIA DE INCENDIO EM OFICINA DE BATE-CHAPAS E PINTURA

— Z E C A L O U R O —

Desta vez aconteceu em Loulé e estamos em crer que, como as coisas cá no burgo são tratadas, não vai ficar por aqui, se bem que seja exactamente o contrário o que desejamos aconteça.

Em artigo anterior a este alertávamos, o que já por outras vezes o tinhamos feito, para os graves inconvenientes e riscos que poderão acarretar o funcionamento de oficinas e comércios susceptíveis de poluição ou explorações e incêndios. O artigo em questão, no momento em que o incêndio agora relatado deflagrou, ainda não tinha sido publicado.

Na realidade o espectro da morte e da destruição ronda o prédio de habitação onde a referida oficina está localizada.

Eram cerca de 17 horas e trinta minutos quando um dos proprietários da oficina sinistrada, no passado domingo, dia 18 de Outubro, percorre desesperadamente todas as campainhas do prédio de habitação onde a oficina funciona, avisando que deveriam abandonar imediatamente o edifício, pois havia fogo na oficina com enorme risco de rebentamentos de garrafas de oxigénio e acetileno e ainda bidons de 200 litros de diluentes tinta.

Gerou-se, como se deve depreender, enorme desespero em redor do edifício, esperando que o estrondo derradeiro e destruidor soasse de um momento para o outro.

Segundo informação de fonte fidedigna, há muito que um dos moradores vinha alertando a Câmara e a Delegação do Ministério da Indústria e Energia para os graves riscos e inconvenientes que aquela oficina representa para as vidas dos que ali moram e dos seus bairros.

A Casa do Algarve consagrada como instituição de utilidade pública pelo Governo da Aliança Democrática

(continuação da pág. 1)

crático e oficial, com sucessivos pareceres de diferentes entidades (Câmara Municipal de Lisboa, Governo Civil de Faro, Secretaria de Estado da Cultura e Secretaria de Estado do Turismo), por despacho do Primeiro-Ministro publicado no «Diário da República» de 25 de Novembro passado, uma data que passa a ser duplamente histórica para todos os algarvios que amam o progresso, a valorização e a dignidade da sua Província.

«A Voz de Loulé», assinala com júbilo este importante acontecimento, que vem abrir novas perspectivas e mais profundas responsabilidades à instituição que representa mais indistintamente os interesses e a convivência dos algarvios na capital do país.

Presidida por Joaquim António Nunes, escritor e jornalista com uma vasta obra reunida em livro ou dispersa por largas dezenas de jornais de várias épocas, a «Casa do Algarve» tem conseguido impôr-se como um ponto de reunião e de convergência dos mais diferentes setores da vida algarvia, sobretudo no plano da cultura. Neste momento, a Comissão Cultural, denominada Centro de Arte e Cultura Teixeira Gomes, per-

Foi-nos informado na zona próxima da oficina que a laboração desta oficina, contrariamente ao autorizado e recomendado pela Delegação do Ministério da Indústria e Energia em Faro, se faz fora das horas normais de trabalho. Isto é, aos domingos, sábados, feriados e quase todas as noites e a altas horas consideradas para descanso e repouso.

Na verdade, aquilo a que muita gente assistiu no domingo, 18 de Outubro, foi um autêntico pandemónio. Choros e lamentações viam-se em todas as casas. O desespero e a aflição de toda aquela gente a espera que de um momento para o outro o estrondo de reagentes de garrafas e diluentes reduzisse o prédio a escoábroas de tal ordem que merece aqui uma referência.

Pode dizer-se que houve ali um autêntico milagre, pois com bidons de 200 litros de diluentes, garrafas de oxigénio e acetileno e ainda tintas e outros produtos, certamente pouco se aproveitaria do prédio de três pisos onde a oficina está localizada. Acresce ainda que num prédio contíguo labora também, para mal dos pecados dos moradores desse prédio, e não só uma outra oficina de serralharia onde na altura se encontravam algumas garrafas de gás. Isto diz bem da gravidade do risco em que os moradores de ambos os prédios e mesmo de outros contíguos vivem permanentemente.

Vivem nem mais nem menos que sobre um autêntico barril de pólvora. A rápida intervenção dos Bombeiros de Loulé salvou a catástrofe, o que, apesar de tudo não dá para esquecer, e os moradores dos dois prédios de habitação onde estas oficinas estão a laborar interrogam-se alarmados e num verdadeiro desespero acerca do futuro das suas vidas e de seus filhos. Dos

seus bens adquiridos com tanto sacrifício e durante tantos anos.

Entretanto que fazem as autoridades competentes? — Junta de Freguesia, Câmara Municipal e Delegação Regional de Faro do Ministério da Indústria e Energia não mexem uma palha para resolver este e outros problemas, actuando somente quando chega a destruição. Como exemplos poderemos apontar vários casos. Em Faro onde hoje funciona a Rescate. Em Portimão, e, muito recentemente mais dois incêndios em oficinas que vitimaram pessoas e destruíram bens, por esse País fora.

Continua-se a autorizar que verdadeiros atentados à vida e aos bens dos cidadãos se façam autorizando a abertura e o funcionamento de oficinas e comércios susceptíveis de provocar explosões e ou incêndios.

É realmente preciso uma ação energica e rápida para pôr cobro a estas situações que trazem os municípios num verdadeiro pânico num estado psicológico deveras alarmante.

É preciso FECHAR de imediato as oficinas ou comércios que laboram em prédios de habitação. Ou será que os moradores, que estão nas suas casas, em prédios construídos propriedade para pessoas viverem, terão de os abandonar para que as oficinas possam funcionar; incomodar a seu belo prazer; destruir edifícios; ceifar a via pública com sucata e detritos; sujar a via pública com águas de lavagens porque as oficinas não têm um mínimo de condições para funcionar porque não foram construídas para esse fim. Será assim que se terá de proceder? É preciso pôr fim a novas autorizações de licenças de oficinas ou comércios de produtos tóxicos, poluentes ou susceptíveis de provocar explosões ou incêndios em prédios de habitação.

Quem tem a necessária coragem para fazer cumprir a LEI da SEGURANÇA, do REPELTO e da HIGIENE nesta Câmara de Loulé? E nesta Delegação Regional do Ministério da Indústria e Energia.

Com este é o segundo incêndio que se verifica nesta oficina, e os moradores entendem que o risco já foi grande até aqui e que não deverão arriscar pela terceira vez. Segundo os mesmos a oficina deverá fechar imediatamente. A população da rua vive alarmada, pois quer os operários, quer os próprios patrões procedem a trabalhos em plena via pública, mais uma vez aqui se friza a falta de condições daquelas oficinas, com rebarbadoras, lixadeiras, cortadoras de ferro, lavagens e lixamentos, com risco de provocarem acidentes a transeuntes.

As vidas, os bens, a segurança, o sossego das dezenas de pessoas que ali moram merecem, pensamos nós, o máximo respeito, tranquilidade e segurança. É essa a nossa opinião e estesmos seguros é essa também a opinião das autoridades competentes envolvidas no processo. Estamos conscientes que este nosso apelo vai finalmente contribuir para que a melhor solução seja depressa encontrada.

Santos e Lobato, LDA

Certifício para efeitos de publicação que, por escritura de 18 de Novembro de 1981, lavrada neste Cartório Notarial de Lagoa (Algarve), e exarada de folhas 48 verso, a folhas 50, do Livro de notas 116-A, João António Piteira Lobato de Almeida Rodrigues, e mulher Maria Helena Oliveira da Silva Reis Santos D'Almeida Rodrigues, constituíram, entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que adoptou a firma em epígrafe, e se regerá, pelas cláusulas constantes dos artigos a seguir fotocopiados, sendo a respectiva fotocópia, composta de três folhas, deviamente numeradas, rubricadas e autenticadas.

PRIMEIRO: — A sociedade adopta a firma «SANTOS & LOBATO, LIMITADA», e tem a sua sede em sítio de Foros ou Vale Carro, freguesia e concelho de Albufeira.

SEGUNDO: — O seu objecto é o exercício de indústria hoteleira e similares.

TERCEIRO: — A sua duração é por tempo indeterminado e tem o seu começo nessa data.

QUARTO: — O capital social é de DOIS MILHÕES DE ESCUDOS, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e está dividido em duas quotas de UM MILHÃO DE ESCUDOS, pertencendo uma a cada sócio.

QUINTO: — É proibida a cessão de quotas a estranhos sem consentimento da sociedade, mas é livremente permitida entre os sócios.

SEXTO: — Os sócios obrigam-se a entrar com prestações suplementares de capital, se o desenvolvimento dos negócios da sociedade assim o exigir e for deliberado por unanimidade em Assembleia Geral, expressamente convocada para o efeito.

SÉTIMO: — A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, fica confiada a todos os sócios, desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

PRECISA-SE

CABELEIREIRA

Para Centro Comercial Avenida Mar, em Quarteira.

Tratar no próprio local.

(862)

PRECISA-SE

MECÂNICO E SOLDADOR

PARA EMPRESA DE EMPREITEIROS

Tratar pelo Telef. 63288 — LOULÉ

Parágrafo primeiro: — É obrigatória a assinatura de dois gerentes ou seus procuradores para obrigar a sociedade em aceites, saques, endossos de letras e negócios de maior vulto.

Parágrafo segundo: — Para actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer dos sócios gerentes ou seus procuradores.

OITAVO: — Os sócios gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração em quem entenderem, mas ao fazê-lo em pessoa estranha à sociedade deverão obter o acordo da mesma, em Assembleia Geral, e expressamente convocada para o efeito.

NONO: — É proibido aos gerentes assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à mesma, tais como letras de favor, fianças, abonações e actos semelhantes ou assumirem obrigações ou responsabilidades estranhas aos interesses da sociedade.

DÉCIMO: — As Assembleias Gerais, nos casos em que a lei não determine formalidades especiais para a sua convocação, serão convocadas pela gerência por carta registada, dirigida aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos.

DÉCIMO PRIMEIRO: — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio. Neste caso proceder-se-á a balanço e os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interditado, receberão o que se apurar pertencer-lhes e que lhes será pago em quatro prestações trimestrais, iguais e sucessivas, as quais vencerão juro igual ao da taxa do desconto do Banco de Portugal. Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, aos 20 de Novembro de 1981.

A Ajudante,
Maria José Correia Bravo

FALECIMENTO

Vítima de doença súbita, faleceu no passado dia 27 de Novembro no sítio da Patá (Boliqueime) onde residia, o nosso conterrâneo, prezado amigo e dedicado assinante sr. José da Silva Pontes.

O saudoso extinto, que tinha 57 anos de idade, era sócio gerente da Cerâmica Central do Algoz Lda., e conceituado comerciante e proprietário de forno de telha regional da Patá (Boliqueime).

Deixou viúva a sr.º D. Maria José Silva Guerreira Pontes e era pai do nosso estimado amigo sr. Nuno Guerreiro da Silva Mealha, proprietário do Restaurante «Castelo do Bispo», de Albufeira e da sr.º D. Ana Bela Guerreiro Silva Pontes. A família enlutada endereça as sentidas condolências.

ATLETISMO**VI CROSS
INTERNACIONAL
DAS AMENDOEIRAS
EM FLOR**

Vai disputar-se no dia 24 de Janeiro (Domingo) a 6.ª edição do "Cross Internacional das Amendoeiras em Flor", hoje já credenciada como uma das mais importantes provas do calendário europeu de cross. Nele participarão alguns dos mais famosos atletas mundiais para o que já seguiram os respectivos convites. A competição, que é organizada pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, com a colaboração da Câmara Municipal de Albufeira, Federação Portuguesa de Atletismo e Associação de Atletismo de Faro, decorrerá no Touring — Açoteias, no Pinhal do Concelho, em Albufeira. A R.T.P. fará a cobertura integral e em directo deste importante acontecimento desportivo, decorrendo contactos para a inclusão nos serviços da Eurovisão, dando o interesse que o "Cross Internacional das Amendoeiras" suscita por toda a Europa.

PATÃ DE CIMA
(Boliqueime)



José da Silva Pontes

Agradecimento

Sua família vem por este meio agradecer sentidamente a todas as pessoas que acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, ou que de qualquer forma manifestaram sentimentos de pesar.

AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Agradeço graça recebida.
M. G.

PARA SI que trabalha em França

Realize desde já o seu sonho e fique pagando menos do que uma renda.

ANDARES, VIVENDAS E LOJAS,
TENHO A SEU GOSTO NO ALGARVE

R. SANTOS

39 Rue des Pyrenees 75020 PARIS Telef. 3730624

PATÃ DE CIMA
(Boliqueime)

VENDE-SE

900 m² de terreno, óptima vista, situado aprox. 1 Km da Gonçinha e a 200 m da estrada para Almansil (acesso fácil).

Contactar no local ao sábado e domingo de manhã ou Telef. 94137 dias úteis com Armando Costa.

VENDEM-SE

apartamentos com 3 assoalhadas, na Rua Quinta de Betunes, n.º 16, em Loulé.

Tratar com Bernardino Rosa no local ou pelo Telefone 63233 — LOULÉ.

VAI VIAJAR?

CONSULTE:



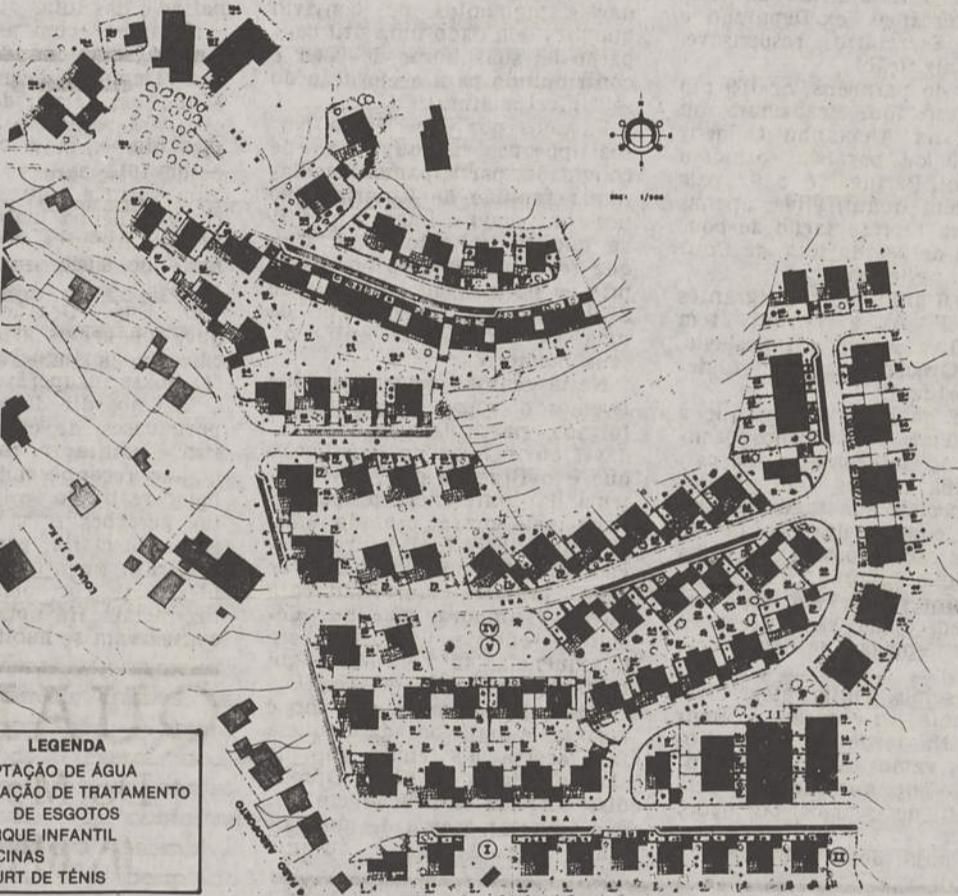
— NORTUR
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

TRATA DE PASSAPORTES, VISTOS, VIAGENS
DE AVIÃO, COMBÓIO E AUTOCARRO

LOULÉ — Praça da República, 24-26
Telef. 62375 (Frente à Câmara)
FARO — Rua Conselheiro Bivar, 58

— Marcações em Hoteis —
Telef. 22908 e 25303

Quinta da Gonçinha



LEGENDA
1. CAPTAÇÃO DE ÁGUA
2. ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTOS
3. PARQUE INFANTIL
4. PISCINAS
5. COURT DE TÉNIS

REALIZE O SEU SONHO. Construa ou compre a sua vivenda na URBANIZAÇÃO QUINTA DA GONÇINHA, uma urbanização de alta qualidade.

Localizada à saída de Loulé para Faro, numa encosta durante todo o dia exposta ao sol, com vistas para o mar, tem água em abundância e o sossego que sempre desejou.

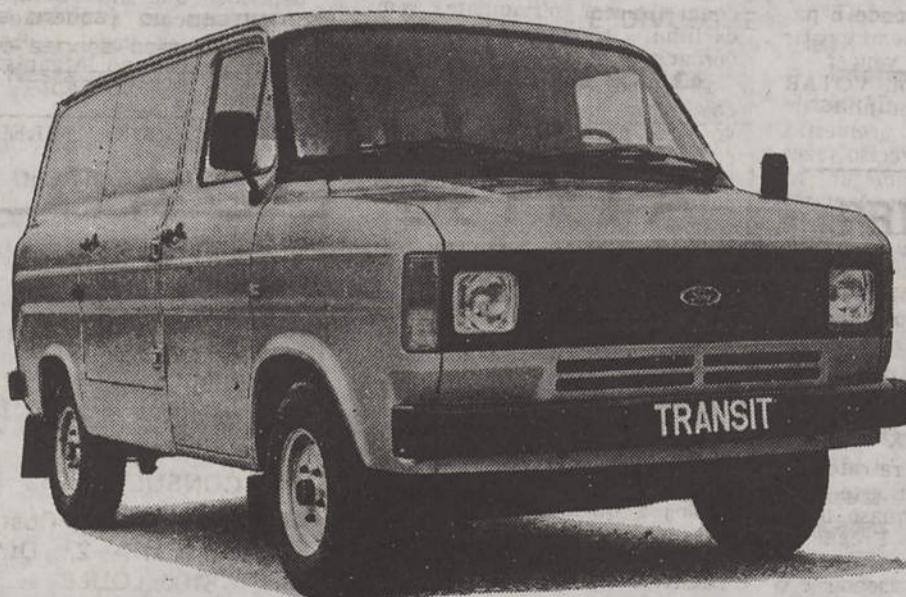
UM EMPREENDIMENTO DA

ALGAROBRA
CONSTRUÇÕES E OBRAS PÚBLICAS
DO ALGARVE, LDA.

VISITE-NOS NO LOCAL

Telef. 63369

Venha comprovar todas as 16 novas vantagens da Ford Transit 1981



Conheça a Transit 1981. Que lhe oferece mais 16 novas vantagens. Eis algumas:

- Ampla porta traseira de abertura vertical
- Grandes faróis quadrados de halogénio
- Eficiente equipamento de insonorização
- Cabina muito mais atraente
- Garantia de 12 meses ou 20 000 km

Venha comprovar todas as vantagens da nova Transit.
Visite-nos, agora mesmo!

**Ford Transit, o veículo comercial
mais vendido em Portugal**



Símbolo de robustez

fiaal

FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA
DO ALGARVE, LDA.

LARGO DO MERCADO, 2 A 12 — TELEF. 23061/7 — 8000 FARO
RUA CÁNDIDO GUERREIRO, 38 — TELEF. 23061/7 — 8000 FARO
RUA SERPA PINTO, 11 — TELEF. 22107 — PORTIMÃO

COLUNA DO EMIGRANTE

Por M. FARIA

Pela primeira vez e com este título, a T.V. da R.F.A. apresentou no seu segundo canal, no sábado 7 de Novembro, às 14 horas locais. Durante 45 minutos.

Um documentário em português, com cantares de Portugal, a bordo de um barco no rio Tejo. Uma reportagem de Sines e seu complexo industrial. Um telejornal especial para os nossos Emigrantes, e por fim, uma palestra do Dr. José Vitorino, Secretário de Estado da Emigração.

Uma iniciativa, a todos os títulos louvável, que bem demonstra o dinamismo do nosso conterrâneo, ex-Deputado e actual Secretário responsável pela Emigração.

Estão de parabéns, os 109 mil portugueses que trabalham ou residem na Alemanha Ocidental, está de parabéns o nosso Governo! Portugal é o 6.º país por ordem quantitativa, apenas com uma representação de pouco mais de 2% do total de Emigrantes neste país.

Dos 4,6 milhões de emigrantes na R. F. A., a Turquia tem 1 600 000, a seguir a Iugoslávia, Itália, Grécia, Espanha, só depois Portugal.

Desde há vários anos, que a T.V. Alema aos sábados contempla os emigrantes dos 5 países acima citados, com programações especiais em língua de origem e com a duração de 45 minutos cada. Portugal era uma exceção a ignorar os seus representantes, que em boa verdade, em noda são inferiores aos seus colegas de igual destino.

Não somos emigrantes, estigmatizamos no coração, o amor patrio. Na tarde de 21 de Novembro, vamos novamente sentir os olhos humedecidos pela sensação de sermos portugueses.

Bem haja, José Vitorino.

ALGARVE — DESERTO OU OÁSIS?

**Eu estarei lá diante de ti sobre a pedra de Horeb;
ferirás a pedra e dela sairá água, para que o povo beba.**

EXODO, 17

mente, enfrentar os avaros caprichos da Natureza.

Consta-nos que, também o Município louletano, sensível às sombrias perspectivas que a todos se oferecem, já iniciou contactos com aquela prestigiosa multinacional, o que não poderá deixar de constituir motivo de legítima esperança de rápida e correcta resolução de tão momento problema.

F. R.

JUDO

A convite da Federação Sevilhana de Judo, deslocou-se a Sevilha no passado dia 29, onde foi tomar parte na disputa dos «JOGOS MUNICIPAIS DE OUTONO», uma equipa de Júniores do Algarve, constituída por 7 judocas dos seguintes clubes:

- Judo Clube de Portimão
- Racial Clube de Silves
- Ginásio Naval de Faro
- Clube Desportivo e Recreativo Quarteirense.

A equipa, que nesta sua deslocação foi acompanhada pelos técnicos Menau, Vitor Correia e Soares, após a disputa de 14 combates contra a turma representativa de Sevilha, saiu vencedora por 7-6.

Igualmente alguns agricultores se preparam para, corajosamente.

«O BRASIL DÁ-NOS UMA BELA IMAGEM DA GRANDEZA DOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI»

— DISSE O ENG.º J. RUIVO DRAGÃO, EM REUNIÃO DO ROTÁRIO CLUBE DE LOULÉ

Um dos objectivos de Rotary é «O desenvolvimento do comunitarismo como elemento capaz de proporcionar oportunidades de servir».

E, porque servir, também é transmitir aos outros as nossas experiências pessoais, os Rotários sabem aproveitar as suas reuniões periódicas para convidar palestrantes que tenham algo de útil a transmitir, contribuindo para a difusão de conhecimentos que de outra forma ficariam mais condicionados.

Está, pois, de parabéns o Rotário Club de Loulé por, ao longo da sua curta existência, tanto se ter preocupado em facultar aos seus companheiros agradáveis momentos de convívio que lhes tem dado uma útil ocupação às suas horas de lazer e contribuindo para a elevação do seu nível cultural.

Falamos por experiência pessoal porque, na qualidade de convidado, participámos há dias numa reunião de Rotários que nos confirmou a imagem positiva que já tínhamos dum Clube que se tem esforçado por cumprir as normas do seu ideal de SERVIR e de consolidação de uma sã convivência entre os seus membros.

Nesta reunião rotária em que tivemos o prazer de participar, foi-nos particularmente agradável ouvir falar do País-irmão que é o Brasil e que serviu de tema da conferência proporcionada pelo nosso prezado amigo Eng.º João José Ruivo Dragão, que foi um dos pioneiros desse grande empreendimento que é Viamoura, mas que decidiu ausentar-se de Portugal em consequência da confusão aqui reinante após o 25 de Abril.

Com uma fluência que lhe é peculiar e um ávorante de quem fala acerca de temas que lhe são familiares, o Eng.º Dragão disse da sua satisfação em poder dissertar acerca de um País onde viveu 5 anos e durante

os quais ganhou uma grande experiência que lhe é muito valiosa tanto sob o aspecto técnico como humano, acrescentando que ia provar dar uma visão pessoal dos anos lá vividos, mas frizando que «para conhecer o Brasil só indo lá e convivendo no dia-a-dia com as várias camadas da população».

O orador considerou espantosa a gesta dos portugueses que, mesmo morrendo aos milhares, não desistiram de percorrer, de burro, a cavalo, de barco e a pé, milhares e milhares de quilómetros para demarcarem as áreas dum país com 8 451 214 m² e que, em área territorial, é o terceiro do Mundo. Conseguiram conservar um País uno apesar de possuir fronteiras com dez países e das lutas que foi necessário travar com as forças holandesas que, em 1648, sofreram uma tremenda derrota na Baía e que lhes serviu de grande lição para perderem todas as ilusões que vinham alimentando desde 1612 para se apoderarem dum vasto e riquíssimo território que ocupa mais de 47% de toda a América do Sul, e tem mais de 9 000 quilómetros de costa.

O Eng.º Dragão considerou que, sob certos aspectos, a acção dos portugueses no Brasil foi quase insuperável no Mundo e isso nos diz da grandeza dos portugueses, de cuja visão política e militar nos podemos orgulhar, reconhecendo que o trabalho realizado ao longo de tantas gerações é a nossa maior coroa de glória, porque lá, nesse Brasil imenso, não há complexos de cor, nem preconceitos raciais. Há uma só língua e conseguiram-se hábitos portugueses.

(continua na pág. 6)

...Deus dará, diz-se em surdina) ...

É um país onde se trabalha a sério e em ritmo por vezes quase alucinante, mas também há muita gente que não gosta muito de trabalhar, porque pensa que «vai tudo correr pelo mehor» e o que é preciso é «a gente divertir-se enquanto há vida», pois gostam imenso de se divertir e sentem-se felizes. Tão felizes que, normalmente, o brasileiro nunca deixa o seu país para viver fora da pátria. Especialmente a juventude adora a sua vida que ali pode disfrutar. Mas há um grande temor quanto ao seu futuro, pois há milhares de crianças abandonadas e que já estão sendo um perigo para a sociedade, visto que são aliciadas para o crime à sombra da sua irresponsabilidade. De notar que mais de metade da população do Brasil tem menos de 20 anos, o que contribui para nos dar a imagem de quanto é um país jovem.

O orador recordou que foi para o Brasil em condições difíceis e que gostou tanto de lá viver que optou pela dupla nacionalidade que a Lei facilita, fazendo notar que os milhares de pessoas que para lá foram (muitas das quais ainda lá vivem) deram uma nota muito positiva da nossa capacidade técnica, da nossa mentalidade e da maneira de ser dumha classe de portugueses que nunca dantes tinha

CHUVA AMARELA VENENOSA

Tropas soviéticas conduzem a criminosa guerra química no Afeganistão, no Cambodja e no Láos, onde têm lançado gases venenosos a que chamam «chuva amarela».

Uma Comissão da ONU foi recentemente informada dessas ilegalidades e recebeu novas confirmações de que os soviéticos têm usado desde 1976 tipos diversos de gases tóxicos no Láos e desde 1979 no Afeganistão e no Cambodja. Testemunhas diversas afirmam ter visto aviões e helicópteros soviéticos lançarem gás venenoso no Afeganistão. Vários refugiados declararam que aviões vietnamitas têm empregado no Sudeste Asiático meios tóxicos similares fornecidos pela União Soviética.

Análises recentes de resíduos químicos lançados por aviões sobre a fronteira entre a Tailândia e o Cambodja revelaram a presença de três potentes micotoxinas — substâncias altamente venenosas para o ser humano e os animais.



Essas micotoxinas causaram a milhares de pessoas: enjôos, vômitos, náuseas e derrames internos. Os casos fatais no Sudeste Asiático são superiores a 38 mil. As micotoxinas foram descritas por testemunhas e vítimas de ataques aéreos como sendo uma espécie de chuva amarela.

Quase todos os habitantes de quatro aldeias na zona de Phu-Khao-Khagal, no Láos — umas mil pessoas — foram vítimas de um ataque químico em Outubro de 1980. Um dos sobreviventes declarou que o gás lançado sobre os habitantes era avermelhado e que os efeitos foram idênticos ao da chuva amarela.

Militares tailandeses comunicaram ter encontrado em Março último uma variedade letal de veneno cianídico em amostas de folhagem e de águas levadas por refugiados cambodianos.

Espera-se que uma Comissão da ONU discuta a questão da guerra química ilegal realizada pelos soviéticos no Afeganistão, no Cambodja e no Láos.

FRANCISCO FERREIRA

(Chico da Cuf)

ANA ALMEIDA

VITOR ALMEIDA

MÉDICOS

CONSULTÓRIO:

Avenida José da Costa Mealha, 131-A, 2.º, Dt.º 8100 LOULÉ

NETO GOMES